

Disposição para perdoar, deseabilidade social e religião: um estudo correlacional

Valdiney V. Gouveia
Josélia de Mesquita Costa
Larissa Barboza Ugulino de Araújo
Rildésia S. V. Gouveia
Emerson Diógenes de Medeiros
Marina Pereira Gonçalves

Resumo O presente estudo teve como objetivo principal conhecer em que medida a disposição para perdoar se correlaciona com a deseabilidade social e a religião dos participantes. Participaram da pesquisa 157 estudantes universitários da cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba, Brasil, com idade média de 24,9, sendo a maioria católica (64,3%) e do sexo feminino (60,5%). Os participantes responderam à *Escala de Disposição para Perdoar* e à *Escala de Deseabilidade Social*, além de perguntas para levantamento do perfil demográfico do grupo. Os resultados indicaram que a disposição para perdoar se correlacionou positiva e significativamente com a religião e a deseabilidade social dos participantes. No entanto, a disposição para perdoar não se correlacionou com a variável religiosidade.

Palavras-chave: Empatia. Viés. Religião.



Valdiney V. Gouveia

Psicólogo, doutor em Psicologia Social, professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil

A ideia de perdão tem sido há milênios foco de atenção de alguns campos de estudo, como a Teologia e a Filosofia, mas foi apenas durante a última década que psicólogos desenvolveram um interesse evidente por este tema ¹. Informações sobre o perdão estão surgindo na literatura com maior frequência devido ao aumento da incidência deste construto no campo da pesquisa ², o qual é apontado como possível estímulo positivo em relação à satisfação com a vida ³.

Estudos recentes têm demonstrado implicação do perdão sobre parâmetros fisiológicos, tal como a pressão arterial. Além dessa implicação na dimensão orgânica, é possível também identificar o perdão como um componente implícito da saúde mental positiva, do bem-estar mental, físico e relacional. Têm-se observado que sua influência contribui para a ocorrência de menores níveis de depressão e ansiedade, bem como pode ser visto como um preditor de maiores níveis de ajustamento na relação marital ^{3,4, 5,6}.

Ao fundo

Marina Pereira Gonçalves

Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Paraíba, Brasil

Josélia de Mesquita Costa

Acadêmica de Psicologia, bolsista de Iniciação Científica do CNPq, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil

Larissa Barboza Ugolino de Araújo

Acadêmica de Psicologia, monitora da disciplina Técnicas de Exames Psicológicos I, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil

Rildésia S. V. Gouveia

Psicóloga, doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil

Emerson Diógenes de Medeiros

Psicólogo, mestre e doutorando em Psicologia Social, professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Parnaíba, Brasil

No que concerne ao âmbito religioso, o perdão tem grande importância para algumas religiões, como o judaísmo e o cristianismo. Nesta última, o perdão é considerado um dos fundamentos da doutrina e os adeptos são incentivados a perdoar, pois Deus também os perdoou. Uma das principais orações católicas, inclusive, traz uma súplica ao perdão, transpondo a relação do fiel com a divindade para a dimensão relacional cotidiana pela exortação a perdoar *as nossas ofensas assim como nós perdoamos aqueles que nos tem ofendido*.

A religião pode santificar o ato de perdoar e dotar as pessoas religiosas de uma percepção de mundo que facilita o perdão⁷, além de reforçar emoções como a empatia e a compaixão, que podem favorecer o ato de perdoar⁸. Por isso, muitas pesquisas vêm sendo realizadas a fim de verificar a relação entre religião e perdão. A exemplo, a desenvolvida por Rye e colaboradores⁹, que demonstra que muitas tradições religiosas tendem a incentivar o ato de perdoar. Porém, uma revisão levada a cabo por McCullough e Worthington¹⁰ sobre a associação entre perdão e religião indicou não existir um padrão consistente de relação entre estes dois construtos. Constata-se desses exemplos que os resultados de tais pesquisas têm sido bastante discrepantes, o que, possivelmente, se deve ao fato da escassez de medidas que avaliem tais fenômenos adequadamente¹¹.

Outro fator que poderia motivar indivíduos a perdoarem é a desejabilidade social. Este construto é largamente usado em pesquisa científica para descrever a tendência dos participantes de uma pesquisa a responderem de forma a agradar o pesquisador ou de acordo com os preceitos sociais vigentes no contexto no qual se encontram¹². A desejabilidade social pode ser entendida como um viés de resposta que estaria espelhando um traço de personalidade, a exemplo da estabilidade emocional¹³.

Pesquisas realizadas com a finalidade de medir traços de personalidade, especialmente os que enfatizam o ajuste

social da pessoa, mostraram que estes estão diretamente correlacionados com a desejabilidade social^{14,15}. Apresentar esta característica significa agir de acordo com o que se espera, ajustando-se às normas sociais. Neste sentido, ao menos para pessoas oriundas de culturas coletivistas e cristãs, como acontece no Brasil, estima-se que a disposição para perdoar seja algo socialmente desejável.

Neste contexto, planejou-se a presente pesquisa, cujo objetivo principal foi avaliar em que medida a disposição para perdoar se correlaciona com a religião bem como mensurar a pontuação em desejabilidade social dos participantes.

Disposição para perdoar

O perdão vem se tornando um construto bastante estudado e sua definição é por vezes mal compreendida e confundida com o conceito de reconciliação, o qual é tratado na literatura como uma escolha separada que não é necessária para que o perdão ocorra¹⁶. A seguir será analisado como os pesquisadores têm definido o perdão, procurando, a partir destas distinções, esclarecer também o que não é perdão.

Não há consenso quanto à definição de perdão, embora diversos pesquisadores concordem, ao menos, que este seja um fenômeno bastante complexo. Enright e o *Human Development Study Group* têm defendido uma definição do perdão que enfatiza a interação entre cognição, emoção e comportamento de respostas a um infrator. O perdão é definido por eles como *uma vontade de renunciar a um direi-*

*to de ressentimento, ao julgamento negativo, e um comportamento indiferente em direção a quem injustamente nos feriu, fomentando simultaneamente qualidades desmerecidas de compaixão, generosidade e até mesmo amor em direção a ele ou ela*¹⁷.

Hargrave e Sells¹⁸ definem o perdão como um processo em que é consentida ao transgressor a oportunidade de reconstruir a credibilidade por meio de ações confiáveis e da discussão da transgressão, de modo que tanto o transgressor quanto a pessoa que foi ferida possam concordar em construir um relacionamento melhor. Devido ao fato da reconciliação ser necessária, implicando em um processo relacional para a existência do perdão, alguns pesquisadores discordam desta definição.

Em seus estudos acerca do perdão, McCullough, Fincham e Tsang¹ enfatizaram a redução das motivações de vingança e do comportamento de fuga além da ênfase no aumento de reconciliação ao longo do tempo. Para eles, o perdão é uma construção social e psicológica. Estes pesquisadores partem do pressuposto de que a maioria das pessoas reage às transgressões com duas formas de comportamento negativo: vingança ou fuga¹⁹. Nesses casos as pessoas estariam motivadas a retribuir o agravo ou buscariam evitar o transgressor e a possibilidade que representa de sofrerem novas injúrias. Quando o perdão ocorre, o transgressor e a transgressão deixam de motivar a pessoa ferida em direção a esses comportamentos. Em outras palavras, as pessoas realizam o perdão quando já não estão motivadas a buscar vin-

gança ou a evitar o transgressor. Portanto, de acordo com McCullough ¹⁶, o perdão é visto como um conjunto de mudanças a partir de motivações pró-sociais.

Outro aspecto a destacar é saber se o perdão se caracteriza como um *estado* ou um *traço*, isto é, se for considerado um estado, entende-se que é momentâneo, passageiro; contrariamente, se definido como um traço, caracteriza algo estável, que transcende situações e contextos. Várias medidas que consideram o perdão como um estado têm sido desenvolvidas, a exemplo do *Enright Forgiveness Inventory* ²⁰, da *Interpersonal Relationship Resolution Scale* ¹⁸ e da *Transgression-Related Interpersonal Motivations Scale* ⁸. Entretanto, visando medir o perdão como um traço alguns pesquisadores têm desenvolvido escalas, a exemplo da *Forgiveness of Self Scales* e *Forgiveness of Others*, de Mauger e colaboradores ²¹, que podem se direcionar para vingança ou atitudes sobre perdão, ao invés de considerar o perdão como uma disposição em si.

Diante das diversas concepções relacionadas à caracterização do perdão, no presente estudo se opta por concebê-lo como uma atitude, uma predisposição a estar aberto e a se envolver no processo de libertação do ressentimento acerca das transgressões interpessoais, fazendo uso de cenários para avaliar tal construto ²². A escolha de cenários se deve ao fato de que as pessoas podem afirmar realizar certas atitudes e, entretanto, decidir de maneira diferente quando confrontadas com os detalhes de uma transgressão.

Desejabilidade Social

As pesquisas que abrangem temáticas referentes à personalidade, valores e/ou atitudes, são frequentemente realizadas com instrumentos de auto-relato, como aquelas com enfoque tipicamente psicométrico. Nestas, os participantes fornecem informações acerca de seus comportamentos e de suas características pessoais. No entanto, existe a possibilidade de que as respostas dadas sejam influenciadas ou enviesadas pelo contexto cultural no qual estão inseridos, ressaltando-se a tendência de as pessoas responderem de acordo com o que é socialmente aceitável ²³.

Considerando que as pessoas podem fornecer informações distorcidas a um determinado instrumento, por ponderarem sobre aquilo que julgam ser um comportamento (in)desejável, os pesquisadores precisam encontrar meios para minimizar este efeito, a fim de não comprometer o resultado final do estudo. A distorção encontrada no auto-relato deve ser verificada a partir do padrão de respostas do indivíduo, de modo que pessoas com grande quantidade de respostas positivas a itens socialmente aceitáveis, principalmente àquelas considerados improváveis, estariam sob suspeita de dissimular sua resposta real ²⁴.

As normas culturais podem influenciar os padrões de respostas dos indivíduos. Esta ocorrência é comumente denominada de viés de resposta (*response bias*). Segundo Furnham ¹², este termo inclui tanto uma dissimulação positiva (tendência a dar respostas positivas, isto é, sempre responder *sim* quando questio-

nado) ou negativa (sempre responder *não*), quanto um conjunto de respostas dadas nas extremidades ou sempre no centro da escala de resposta. Nos dois casos, entretanto, esse subterfúgio estaria indicando a propensão do indivíduo à concordância ou discordância em relação ao padrão cultural e social do meio, reproduzido no questionamento.

Termos como *falsear*, *mentir* e *dissimular* estão associados ao viés de resposta e se referem ao fato do respondente deliberadamente esconder a verdade ou mascarar a realidade com a intenção de criar uma imagem específica positiva e supostamente valorizada no seu meio social. Um termo mais peculiar para se referir a tal padrão de resposta é *desejabilidade social*, que passou a ser usado para designar tendências de distorções do auto-relato para uma direção favorável com intuito de negar traços e comportamentos indesejáveis ¹².

O problema da desejabilidade social pode ser observado, por exemplo, na mensuração da personalidade ^{25,26}. Porém, este traço pode estar presente também em medidas de outros construtos, a exemplo dos valores humanos quando avaliados por meio de instrumentos de auto-relato, como afirmam Schwartz, Verkasalo, Antonovsky e Sagiv ²⁷. Walsh ²⁸ argumenta que as pontuações em desejabilidade social remetem a um falseamento na mensuração da personalidade. Neste cenário, configura-se de fundamental importância abordar a desejabilidade social em sua essência covariante para traçar o perfil do auto-relato dos participantes, além de identificar o viés de resposta e possíveis medidas de controle.

A seguir é apresentado o método que fundamentou este estudo, principiando com breve descrição dos mecanismos utilizados para análise dos resultados ao que segue o detalhamento do delineamento e hipóteses de trabalho.

Método

A análise dos dados produzidos por esta pesquisa foi realizada mediante o uso da versão 15 do programa *SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)*. Foram computadas estatísticas descritivas como a média, o desvio padrão e a frequência, bem como efetuados os cálculos referentes às correlações de *Pearson (r)*.

Quanto ao delineamento, trata-se de estudo correlacional. A disposição a perdoar foi considerada como variável critério, assumindo-se como variáveis antecedentes a desejabilidade social e a religião dos participantes. Em razão das considerações teóricas e dos resultados empíricos anteriormente referidos, formularam-se duas hipóteses alternativas. A primeira infere que a disposição para perdoar se correlacionará diretamente com o fato de pertencer à religião católica ⁸. A segunda hipótese parte do pressuposto que disposição para perdoar se correlaciona diretamente com a desejabilidade ⁹.

Participaram do estudo 157 estudantes universitários de instituições de ensino particulares e públicas sediadas na cidade de João Pessoa, na Paraíba, Brasil. As áreas de formação abrangidas foram Psicologia e Direito, que perfizeram os percentuais de 57,3% e 42,7% respondentes, respectivamente. A amostra caracteriza-se como não-probabilística, tendo

participado do estudo os estudantes que concordaram em responder voluntariamente ao questionário, após formulado o convite e feita a apresentação da pesquisa.

Como o estudo incluiu participantes de diferentes áreas de formação bem como de instituições de ensino também distintas definiu-se que o local mais propício a assegurar condições similares de responsividade aos entrevistados seria a sala de aula. Os aplicadores solicitaram a autorização do professor da disciplina para apresentar e aplicar o estudo à turma, processo que demandou, aproximadamente, entre cinco e dez minutos.

Embora o instrumento tenha sido distribuído a todos os que manifestaram interesse em participar, cada estudante foi informado de que deveria responder às questões individualmente. Para minimizar a influência do condicionamento associado ao ambiente de sala de aula foram também informados que se tratava de uma pesquisa sobre condutas e atitudes sociais, não havendo, portanto, respostas certas ou erradas. Uma vez tendo concordado em participar da pesquisa, cada estudante preencheu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em estrita consonância à determinação da Resolução CNS 196/96. Foi informado ainda a todos que as respostas seriam tratadas por técnicas estatísticas e de forma coletiva, assegurando, assim, a confidencialidade dos dados e o anonimato dos entrevistados.

Além dos dados relativos ao perfil demográfico e social, sexo, idade, orientação sexual, classe social, religião, nível de religiosidade e

tipo de universidade, os participantes foram solicitados a responder à *Escala de Disposição para Perdoar* (EDP) e à *Escala de Desejabilidade Social*, que são instrumentos originalmente elaborados em língua inglesa e, posteriormente, adaptados ao idioma e às peculiaridades de nossa cultura.

A EDP foi originalmente elaborada por DeShea²², a partir de doze cenários que descrevem situações específicas com algum grau de detalhe. A guisa de exemplo: “Você chega em casa do trabalho e pega seu colega de quarto olhando seu diário. Ele diz que estava procurando um dicionário e que realmente não leu muito de seu diário”. Para responder essa questão o participante precisa indicar o quanto está disposto a perdoar a pessoa a partir da situação descrita, processo que se repete em cada uma das situações apresentadas no instrumento. As respostas são computadas pelo uso de uma escala de seis pontos, que varia de 0 (nada disposto) a 6 (totalmente disposto).

Os cenários descrevendo vários tipos de transgressões são apresentados aos participantes para que apontem sua primeira reação e se estariam dispostos a perdoar; partindo da premissa de que a atitude inicial dos participantes sobre a vontade de perdoar em determinada situação pode ser crucial para saber se estão envolvidos no processo do perdão. A aplicação deste instrumento apresentou um índice de consistência interna (Alfa de Cronbach) de 0,91 no estudo original, e 0,87 no Brasil²⁹.

O segundo instrumento, a *Escala de Desejabilidade Social*, proposta por Crowne e Marlowe

³⁰, busca mensurar atos que possam indicar a necessidade de aprovação por parte dos participantes. Essa escala foi originalmente formada por 33 itens e os autores reportam consistência interna (Kuder-Richardson, KR) de 0,88 na aplicação do questionário. Neste estudo, que utiliza a versão brasileira abreviada, composta por 20 itens unifatoriais, constatou-se um KR de 0,75 ³¹.

Para responder ao questionário o participante deve marcar V (*verdadeiro*) ou F (*falso*) em cada item, de acordo com seu comportamento. Quanto maior a pontuação obtida, maior a tendência a desejabilidade social. Exemplos dos questionamentos propostos por essa escala são: “Nunca hesito em sair do meu caminho para ajudar alguém em dificuldades”; ou “Algumas vezes já desisti de fazer algo porque não confiava na minha capacidade”.

Resultados

Quanto aos perfis demográfico e social os participantes tinham em média a idade de 25 anos ($dp = 8,27$; amplitude de 18 a 61 anos). A maioria era do sexo feminino (60,5%) e católica (64,3%). Embora não tenha sido proposta qualquer hipótese concernente a esses dados pareceu adequado considerar os correlatos demográficos da disposição a perdoar. Neste sentido, foram consideradas as seguintes variáveis: idade, sexo (1 = *Masculino*, 2 = *Feminino*), classe-social auto-percebida (variando de 1 = *Baixa* a 5 = *Alta*), curso universitário (1 = *Psicologia*, 2 = *Direito*), religiosidade auto-percebida e grau de liberalismo auto-percebido (variando de 0 = *Muito*

conservador a 4 = *Muito liberal*). Deste conjunto de variáveis, unicamente a idade apresentou correlação significativa ($r = 0,21, p < 0,01$). Portanto, quanto mais velha e, talvez, mais madura, mais a pessoa se mostra disposta a perdoar.

Para testar a existência de correlação direta entre a disposição para perdoar e a religião católica, associação implicada na primeira hipótese, foi feita inicialmente a tabulação do percentual de católicos na amostra a partir de uma variável *dummy*, condicionada aos valores 1 (católico) e 0 (outra religião). A seguir foi efetuado o cálculo da correlação parcial entre estes dois construtos, controlando o grau de religiosidade auto-percebido, que poderia variar de 0, correspondendo a afirmação *nada religioso* a 4, significando *totalmente religioso*. Coerente com o teoricamente esperado, isto é, corroborando a hipótese 1, observou-se uma correlação positiva entre a disposição para perdoar e assumir-se como sendo da religião católica ($r = 0,21; p < 0,001$).

No que concerne a segunda hipótese, a qual afirmava que a disposição para perdoar estaria diretamente correlacionada com a desejabilidade social, calculou-se a correlação de Pearson, sem controlar qualquer variável. O resultado permitiu comprovar a dita hipótese ($r = 0,29; p < 0,01$), sugerindo que as pessoas que apresentam maior pontuação em desejabilidade social, isto é, aquelas que procuram ser mais agradáveis, politicamente corretas ou socialmente aceitas, apresentam disposição maior a perdoar agravos e ofensas em diversos contextos.

Discussão

O estudo do perdão não é mais apenas retratado nos campos da Teologia e Filosofia ¹. Atualmente, este tema vem sendo objeto de interesse de outras áreas devido sua implicação sobre construtos, tais como a satisfação com a vida ³, saúde mental positiva ⁴, bem-estar físico e mental ⁵, menores níveis de depressão e ansiedade ³ e uma melhor relação de ajustamento marital ⁶. É notório também nas últimas décadas o interesse de pesquisadores pela implicação da religião sobre o perdão ^{9,10,11}, assim como de sua relação com a desejabilidade social ^{9,22}. Neste sentido, confia-se que o presente estudo tenha trazido contribuições nestes âmbitos, cumprindo com os objetivos previamente anunciados. Embora possa ser questionado o tamanho da amostra considerada, é importante destacar que o propósito neste estudo não foi generalizar os resultados, mas testar hipóteses específicas acerca de dois correlatos da disposição para perdoar.

Mediante os resultados descritos pôde-se verificar que a disposição para perdoar está correlacionada diretamente com a religião católica, o que reafirma o citado estudo de Rye e colaboradores ⁹, que conclui que muitas tradições religiosas, inclusive a católica, tendem a incentivar o ato de perdoar. Esse resultado é também reforçado por pesquisa realizada por McCullough, Worthington e Rachal ⁸, que pressupõe que a religião facilita o ato de perdoar devido ao aumento da empatia e compaixão pelo próximo assim como pelo fato de as pessoas religiosas terem uma visão específica

e contemplativa de certas situações, o que poderia facilitar a disposição para o perdão.

Pôde-se observar igualmente que a segunda hipótese foi atestada, indicando que quanto maior a desejabilidade social maior será a disposição para perdoar ou vice-versa. Desta forma, como a disposição para perdoar é também um indicador de ajuste social, justifica-se sua correlação direta com a desejabilidade social ^{14,15}. Ademais, cumpre salientar que este resultado talvez se deva ao fato de que indivíduos susceptíveis a apresentar uma atitude voltada à disposição para perdoar em determinadas situações são mais propensos a desenvolver tal comportamento em outras situações ⁹, produzindo-se uma generalização do perdão como expressão, quiçá, de um ser benévolo.

Não se encontrou qualquer correlação entre a religiosidade e a disposição para perdoar apesar de estudos desenvolvidos por Tsang, McCullough e Hoyt ¹¹ apontarem que a religiosidade, ou seja, o quanto o indivíduo se considera religioso, está diretamente correlacionada com o perdão. Nesse sentido, Rye e colaboradores ⁹ sugerem que, talvez, a percepção das pessoas quanto ao seu bem-estar religioso seja reforçada quando sua disposição para perdoar é consoante com suas crenças religiosas. Deste modo, se pode inferir que a característica da religião adotada prepondere sobre a própria religiosidade na influência ao perdão. Entretanto, é importante lembrar que a religiosidade foi medida nesta pesquisa por meio de um único item e que existem estratégias que permitem minimizar o erro de medida, quando apenas um item é tomado em conta ³². Assim,

os resultados quanto à religiosidade não podem ser conclusivos neste contexto, indicando a necessidade de novos estudos.

Cabe aqui assinalar que, do conjunto de variáveis demográficas consideradas, unicamente a idade relevou-se como correlato importante da disposição para perdoar. Como previamente sugerido, isso pode significar maturidade do pensamento na compreensão da ação humana, aspecto que pode ser alcançado e aprimorado com o passar do tempo. Neste sentido, talvez valesse a pena em estudos futuros correlacionar a disposição para perdoar com variáveis de desenvolvimento moral, no sentido kohlbergiano, ou psicossocial, na visão ericksoniana. Seria também interessante, provavelmente, pensar em incluir medidas de sentido da vida, como fundamentadas na perspectiva de Victor Frankl³³, como sugerido por Marsh, Smith, Piek e Saunders.

Considerações finais

Apesar da eminente relação entre os construtos de *disposição para perdoar*, *religião* e *desejabilidade social*, o levantamento bibliográfico que precedeu a construção do projeto de pesquisa não encontrou qualquer estudo empíri-

co a respeito na literatura brasileira. Diante dessa escassez de dados autóctones a respeito da relação entre os construtos aqui tratados o presente estudo pretendeu estimular a reflexão e contribuir para o aprofundamento das pesquisas nesta área.

Sugere-se, portanto, a realização de estudos futuros que possam dar suporte aos dados encontrados. Um primeiro passo poderia ser replicar a presente pesquisa, embora, talvez, não se deva restringir as variáveis aqui consideradas. Cabe pensar em outros parâmetros que poderiam ser igualmente importantes para compreender tanto a disposição para perdoar quanto às demais categorias listadas. Por exemplo, o compromisso social e afetivo que as pessoas mantêm com a sociedade convencional³² e o sentimento de gratidão por tudo que tem acontecido em suas vidas³⁴, poderiam ser critérios para pesquisa ulterior. Confia-se que as pessoas que aderem aos papéis sociais convencionais (por exemplo, pais, professores) e são gratas pelas coisas boas que lhes aconteceram na vida estarão mais dispostas a perdoar os demais. Contudo, estas suposições são ainda meras conjecturas cuja pertinência só poderá ser avaliada por novos estudos que as venham por à prova.

Resumen

Disposición a perdonar, deseabilidad social y religión: un estudio correlativo

Este estudio tuvo como objetivo principal conocer en qué medida la disposición a perdonar se correlaciona con la deseabilidad social y la religión de los participantes. Participaron en el estudio 157 estudiantes universitarios de la ciudad de Joao Pessoa (PB), con edad media de 24,9 años, la mayoría católica (64.3%) y del sexo femenino (60.5%). Estos contestaron la *Escala Disposición a Perdonar* y la *Escala de Deseabilidad Social*, además de preguntas para el levantamiento del perfil demográfico del grupo. Los resultados indicaron que la disposición de perdonar fue positiva y significativamente correlacionada con la religión y la puntuación de deseabilidad social de los participantes. Sin embargo, la disposición a perdonar no se correlacionó con el grado de religiosidad de estos participantes. Se señala la importancia de estudios futuros estudios que puedan confirmar estos resultados.

Palabras-clave: Empatía. Sesgo. Religión.

Abstract

Willingness to forgive, social desirability and religion: a correlational study

This study aimed at knowing the extent to which the willingness to forgive correlated with social desirability and religion. Participants were 157 undergraduate students from Joao Pessoa (PB), with mean ages of 24.9 years, most of them catholic (64.3%) and female (60.5%). They answered the *Willingness to Forgive Scale*, the *Social Desirability Scale* and gave demographic information. Results indicated that willingness to forgive correlated itself positively and significantly with the participants' religion and social desirability. However, the willingness to forgive does not correlate with the participants' degree of religiosity. Furthermore, future studies are demanded in order to confirm these findings.

Key words: Empathy. Bias. Religion.

Referências

1. McCullough ME, Fincham FD, Tsang J. Forgiveness, forbearance and time: the temporal unfolding of transgression-related interpersonal motivations. *J Personal Soc Psychol* 2003;84:540-57.
2. Kanz JE. How do people conceptualize and use forgiveness? The forgiveness attitudes questionnaire. *Counseling and Values* 2000;44:174-88.

3. Karremans JC, Van Lange PAM, Ouwerkerk JW, Kluwer ES. When forgiving enhances psychological well-being: the role of interpersonal commitment. *J Personal Soc Psychol* 2003;84:1011-26.
4. Beck TD. When to forgive. *Journal of Psychology and Christianity* 1992;11:269- 73.
5. McCullough ME, Root LM, Cohen AD. Writing about the benefits of an interpersonal transgression facilitates forgiveness. *J Consul Clin Psychol* 2006;74:887-97.
6. McCullough ME, Rachal KC, Sandage SJ, Worthington EL Jr, Brown SW, Hight TL. Interpersonal forgiving in close relationships In: Theoretical elaboration and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology* 1998; 75:1586-1603.
7. Pargament KI, Rye MS. Forgiveness as a method of religious coping. In: Worthington, EL Jr., coordinador. *Dimensions of forgiveness*. Philadelphia: Templeton Foundation Press; 1998. p.59-78.
8. McCullough ME, Worthington EL Jr, Rachal KC. Interpersonal forgiving in close relationship. *J Personal Soc Psychol* 1997;73:321-36.
9. Rye MS, Loiacono DM, Folck CD, Olszewski BT, Heim TA, Madia BP. Evaluation of the psychometric properties of two forgiveness scales. *Developmental, Learning, Personality, Social* 2001;20:260-77.
10. McCullough ME, Worthington EL Jr. Religion and the forgiving personality. *J Pers* 1999;67:1141-63.
11. Tsang JA, McCullough ME, Hoyt WT. Psychometric and rationalization accounts of the religion-forgiveness discrepancy. *J Soc Issue* 2005;61:785-805.
12. Furnham A. Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality and Individual Differences* 1986;7:385-400.
13. Ones D, Viswesvaran C, Reiss A. Role of social desirability in personality testing for personnel selection: the red herring. *J Appl Psychol* 1996;81:660-79.
14. Edwards A. Construct validity and social desirability. *Am Psychol* 1990;45:287-9.
15. Ellingson J, Smith D, Sackett P. Investigating the influence of social desirability on personality factor structure. *J Appl Psychol* 2001;86:122-33.
16. McCullough ME. Forgiveness: who does it and how do they do it? *Curr Dir Psychol Sci* 2001;10:194-7.
17. Enright RD, Freedman S, Rique J. The psychology of interpersonal forgiveness. In: Enright RD, North J, coordinadores. *Exploring forgiveness*. Madison: University of Wisconsin Press; 1998. p.46-7.
18. Hargrave TD, Sells JN. The development of a forgiveness scale. *J Marital Fam Ther* 1997;23:41-63.
19. McCullough ME, Bellah CG, Kilpatrick SD, Johnson JL. Vengefulness: relationships with forgiveness, rumination, well-being, and the big five. *Pers Soc Psychol Bull* 2001;27:601-10.
20. Subkoviak MJ, Enright RD, Wu CR, Gassin EA, Freedman S, Olson LM, et all. Measuring interpersonal forgiveness in late adolescence and middle adulthood. *J Adolesc* 1995;18:641-55.

21. Mauger PA, Perry JE, Freeman T, Grove DC, McBride AG, McKinney K. The measurement of forgiveness: preliminary research. *Journal of Psychology and Christianity* 1992;11:170-80.
22. DeShea L. A scenario-based scale of willingness to forgive. *Individual Differences Research* 2003;1:201-17.
23. Schmitt DP, Allik J, McCrae RR, Benet-Martínez V et al. The geographic distribution of big five personality traits: patterns and profiles of human self-description across 56 nations. *J Cross Cult Psychol* 2007;38:173-212.
24. McCrae R, Costa P. Social desirability scales: more substance than style. *J Consult Clin Psychol* 1983;51:882-8.
25. Hogan R, Nicholson R. The meaning of personality test scores. *Am Psychol* 1988;43:621-6.
26. Smith D, Ellingson J. Substance versus style: a new look at social desirability in motivating contexts. *J Appl Psychol* 2002;87:211-9.
27. Schwartz S, Verkasalo M, Antonovsky A, Sagiv L. Value priorities and social desirability: much substance, some style. *Br J Soc Psychol* 1997;36:3-19.
28. Walsh A. Comment on social desirability. *Am Psychol* 1990;45:289-90.
29. Costa JM. Escala de disposição para perdoar: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; 2009.
30. Crowne D, Marlowe D. A new scale of social desirability independent of psychopathology. *J Consult Psychol* 1960;24:349-54.
31. Gouveia VV, Guerra VM, Sousa DMF, Santos WS, Costa, JM. Escala de desejabilidade social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica* 2009;8:87-98.
32. Santos WS. Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do compromisso convencional e afiliação social [tese]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; 2008.
33. Marsh A, Smith L, Piek J, Saunders B. The purpose in life scale: psychometric properties for social drinkers and drinkers in alcohol treatment. *Educ Psychol Meas* 2003;63(5):859-71.
34. McCullough ME, Emmons RA, Tsang J. The grateful disposition: a conceptual and empirical topography. *J Personal Soc Psychol* 2002;82(1):112-27.

Recebido: 7.7.2009 Aprovado: 21.7.2009 Aprovação final: 30.7.2009

Contatos

Valdiney V. Gouveia – vgouveia@gmail.com

Josélia de Mesquita Costa – jomesquitacosta@gmail.com

Larissa Barboza Ugulino de Araújo – larissabarboza.psicologia@gmail.com

Rildésia S. V. Gouveia – rildesia.val@gmail.com

Emerson Diógenes de Medeiros – emersondiogenes@gmail.com

Marina Pereira Gonçalves – marinapgoncalves@gmail.com

Valdiney V. Gouveia

Universidade Federal da Paraíba, CCHLA – Departamento de Psicologia, Doutorado em Psicologia Social; CEP 58.051-900. João Pessoa, Paraíba, Brasil.